

reginaldo prandi

aimó

uma viagem pelo mundo dos orixás

ilustrações

rimon guimarães

SÉQUINTE

O selo jovem da Companhia das Letras

Copyright do texto © 2017 by Reginaldo Prandi
Copyright das ilustrações © 2017 by Rimon Guimarães

O selo Seguinte pertence à Editora Schwarcz S.A.

Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.

capa e projeto gráfico

Raul Loureiro

revisão

Huendel Viana

Arlete Souza

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Prandi, Reginaldo

Aimó : uma viagem pelo mundo dos orixás /Reginaldo Prandi ;
ilustrações Rimon Guimarães. — 1ª ed. — São Paulo : Seguinte,
2017.

ISBN 978-85-7406-040-6

I. Ficção brasileira I. Guimarães, Rimon.
II. Título.

17-02873

CDD-869.3

Índice para catálogo sistemático:
I. Ficção : Literatura brasileira 869.3

[2017]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA SCHWARCZ S.A.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone: (11) 3707-3500

www.seguinte.com.br

contato@seguinte.com.br

 /editoraseguinte

 @editoraseguinte

 Editora Seguinte

 editoraseguinte

 editoraseguinteoficial



SUMÁRIO

<p>1. A MENINA ESQUECIDA</p> <p>9</p>	<p>2. NOTÍCIAS DE UMA NOVA NAÇÃO</p> <p>16</p>
<p>5. UMA LAVADEIRA ENGANA A MORTE</p> <p>44</p>	<p>6. O SOPRO SE TRANSFORMA EM TEMPESTADE</p> <p>55</p>
<p>9. O QUE PODE FAZER UMA ESPOSA DESESPERADA</p> <p>91</p>	<p>10. O DOCE DISFARCE DA CONQUISTA AMOROSA</p> <p>105</p>
<p>13. UMA FUGA PARA UM GRANDE RIO</p> <p>145</p>	<p>14. OS DEUSES QUEREM É DANÇAR</p> <p>155</p>

**3. COM QUE
DEUSA VOCÊ
QUER SE
PARECER?**

23

**4. UMA DANÇA
NA CONQUISTA
DE UM HERÓI**

31

**7. PODER
E PERDIÇÃO
DE UM REI**

66

**8. CUIDADOS
PARA UMA
CABEÇA RUIM**

76

**11. O CORPO
TEM QUE SER
DEVOLVIDO
AO CHÃO**

113

**12. NINGUÉM
É IGUAL
O TEMPO TODO**

129

**15. A DIFÍCIL
ESCOLHA**

162

**16. UMA
VIDA NOVA**

170





1. A MENINA ESQUECIDA

Ninguém chamava por ela, ninguém se lembrava dela, ninguém sequer sabia que um dia ela existira sobre a Terra. Foi assim que ela acabou esquecendo quem era, de onde viera, a que família pertencia. Esqueceu-se até do próprio nome.

Quando a viu passar, um velho de aparência feliz perguntou a uma mulher sorridente quem era aquela menina.

— Aimó omobinrin — respondeu a alegre senhora, palavras que, na língua daquele povo, significavam uma menina esquecida, que ninguém sabia quem era, uma desconhecida.

A menina ouviu o diálogo e imaginou que Aimó era seu nome, a menina Aimó, porque até mesmo da língua falada em casa quando vivia com sua família ela pouco se lembrava. Ficou incrivelmente feliz: já sabia como se chamava.

Agora, por todo lugar a que ia, ela gritava:

— Orucó mi ni Aimó. Meu nome é Aimó.

Ninguém parecia se importar. Ela continuava desconhecida, completamente esquecida por todos e por ela mesma. Então, a tristeza de Aimó voltou mais forte, mais difícil de suportar. Ainda mais naquele lugar sem cores, sem luz, sem nenhum dos prazeres da vida na Terra.

Quanta saudade do som dos tambores, das mulheres dançando, tão bonitas, com seus trajes estampados, seus colares de contas. Tinha vivido tudo isso de verdade ou era sua imaginação que inventava essas belezas só para atormentá-la?

Pelo menos agora sabia seu nome, graças ao homem e à mulher que não escondiam sua felicidade, talvez já se preparando

para o retorno à vida, chamados de volta à Terra por suas saudosas famílias que, com certeza, lhes ofereciam presentes e saudações e os mantinham vivos na memória. E sua família, onde estava? Por que não se lembrava dela?

— Orucó mi ni Aimó. Meu nome é Aimó — insistia a menina.

Ninguém a ouvia, era inútil. Nenhuma resposta a seus clamores. Nenhuma palavra vinda de sua casa alcançava seus ouvidos. Ela havia mesmo sido esquecida por todos. Não tinha mais família, quem se importasse com ela. Estava perdida, nunca mais poderia voltar para casa. Aimó começou a chorar e não parou por um longo tempo.

A menina estava no Orum, um mundo espiritual, a morada dos deuses e dos espíritos dos mortos, um lugar nada agradável para quem já experimentou tudo de bom que a Terra tem para oferecer. Diferente do Aiê, como a Terra é chamada pelo povo de Aimó, o Orum é um mundo tão sem atrativos que os próprios deuses que o habitam, os chamados orixás, visitam com frequência o Aiê para comer, dançar e se divertir com os habitantes locais.

Os homens e as mulheres recebem os orixás no Aiê com festa porque acreditam que descendem diretamente deles ao longo de incontáveis gerações. Os orixás chamam os humanos de meus filhos e estes chamam os orixás de meu pai e minha mãe. Famílias diferentes descendem de deuses diferentes. Cada ser humano tem um deus ou uma deusa em sua origem. É o que ensina a tradição africana dos povos iorubás, que também são chamados de nagôs.

Os espíritos dos mortos, chamados de eguns, não têm essa regalia divina de transitar livremente entre o Orum e o Aiê. Passam para o Orum com a morte e só podem voltar ao Aiê com o renascimento. Ou quando são cultuados na Terra como antepassados ilustres, o que não era, absolutamente, o caso de Aimó.

Aimó se lembrava, entre outras poucas recordações, de ter ouvido sua avó falar muitas vezes da vida no Aiê e no Orum. A avó de Aimó lhe dizia que elas viviam no Aiê, mas tinham vindo do Orum e voltariam para lá, devendo retornar depois ao Aiê. A morte era apenas uma passagem entre duas vidas.

Segundo os ensinamentos da avó, o morto renascia na mesma família, mas para renascer não podia ser esquecido no Aiê. A família deveria tratar o morto como tratava os vivos, dando-lhe

comida, bebida, vestimenta, diversão e tudo o mais. Os feitos notáveis do morto deveriam ser constantemente lembrados, seu nome invocado com orgulho, sua lembrança mantida viva. Até que, um dia, o espírito do morto deixava o céu dos orixás, o Orum, e voltava ao mundo dos vivos reencarnado no corpo de uma criança que nascia, começando vida nova.

Ao crescer e se tornar adulto, o renascido deveria se fazer importante para sua família, sua gente, ter muitos filhos, praticar ações que ficariam gravadas na memória e nos mitos do povo. Assim, quando chegasse sua hora de morrer de novo, ele iria para o Orum com a certeza de que ficaria lá apenas por um período curto, à espera do renascimento. Porque bom mesmo é viver na Terra, no Aiê.

Com a morte, o corpo era devorado pela terra e o espírito do falecido era levado ao Orum pela deusa Iansã. Não há prêmio ou punição no Orum, apenas espera. Os que não mereciam os favores de Iansã ou, por alguma razão, insistiam em permanecer no Aiê, em uma vida falsa, perambulavam perdidos por esse mundo, causando sofrimento a si e aos viventes.

Naquele tempo e lugar, as famílias eram bem grandes e os nascimentos frequentes, o que para o espírito do morto representava a oportunidade de voltar logo para casa. Uma barriga de mulher crescendo era uma porta se abrindo para o retorno. Então era só esperar o momento certo, a sua vez.

Saber disso alimentava a aflição da menina Aimó, só fazia crescer seu desespero, e suas lágrimas brotavam como a água de uma fonte. Chorou tanto que os passarinhos sedentos vieram beber em seus olhos para logo voar em debandada, desgostosos com o sabor salgado e quente de suas lágrimas.

— Orucó mi ni Aimó — repetia ela baixinho, com um fiapo de esperança que já se esgotava.

Chorou tanto que suas lágrimas se juntaram em um rio sem rumo, invadindo ruas, casas e até o palácio de Olorum, o deus primordial, pai dos deuses orixás. Fazia quatrocentos anos que Olorum dormia um sono despreocupado. E enquanto ele dormia, os orixás, como sempre, governavam o mundo dos humanos. Ninguém se atrevia a acordá-lo.

Quando as águas cobriram o leito de Olorum, ele despertou

contrariado, cuspiendo a água salobra que engolira sem querer, e foi logo reclamando:

— Só pode ser você, Iemanjá, que eu fiz com este gosto de sal — Olorum cuspiu repetidas vezes e continuou a falar à filha — e com esse seu jeito destrambelhado de inundar tudo o que estiver a seu alcance, menina levada!

Aos poucos, ele abriu os olhos e se levantou sacudindo a túnica molhada. Olhou em torno e não viu Iemanjá, mas sim uma menininha desconhecida, Aimó, que chorava torrencialmente. Reclamou:

— Ah, então foi você que veio interromper meu cochilo, omobinrin mi, minha menina. Mas quem é você, afinal?

Aimó parou de chorar, tremendo de medo de ser castigada. Tentou responder, mas sua língua não obedeceu e ela continuou muda enquanto Olorum a fitava de cima a baixo.

— Diga logo seu nome, omobinrin mi! Vamos, fale!

Ela permanecia quieta.

— Eu ordeno: Orucó, omobinrin!

— Meu nome é Aimó — disse ela, fixando o olhar no chão e recomeçando o choro.

— Pare de chorar. Quer me molhar de novo, menina? Repita seu nome, eu não entendi.

— Aimó, é Aimó.

— Hum, isso não é nome de gente, nunca ouvi, e olha que eu sei de tudo, tudo que existe fui eu que ordenei aos orixás que fizessem.

— Ouvi por aqui uns mais velhos me chamarem assim.

— E sua família? Os que ficaram no Aiê?

— Acho que não tenho, esqueci. Ou melhor, fui esquecida.

— Entendi. Aimó omobinrin, a menina que ninguém sabe quem é.

Aimó assentiu, ainda amedrontada.

— E como vai fazer para voltar para casa se a sua família não se lembra mais de você, minha menina? Vai ficar para sempre aqui no Orum, sempre ameaçando me afogar em seu rio de lágrimas? Pobre de mim!

E ao ver lágrimas brotando novamente dos olhos da menina, Olorum gritou com ela:

— Pare! Chega de choro.

Ela parou de chorar e ele continuou:

— Vamos resolver isso logo. Preciso defender meu direito ao descanso eterno.

Em seguida, Olorum parou um instante, como quem reflete sobre as próprias palavras, e disse:

— Pessoalmente não me meto nas coisas do Aiê e no resto também não. Quem resolve tudo são meus filhos, deuses que eu criei, que os humanos chamam de orixás, a quem dei a missão de cuidar do mundo. Mas, como acabei envolvido nesta sua triste história, vou ter que determinar que se ache uma solução, omobinrin mi. Como é mesmo seu nome, ou aquilo que você pensa que é seu nome?

— Aimó — disse ela, já sem muita certeza.

— Aimó, ou seja lá quem você for, minha querida menina esquecida — continuou Olorum —, vou convocar imediatamente Ifá, meu sabe-tudo, e veremos por que você foi parar na condição de permanecer presa aqui para sempre. Vou chamar também Exu, meu mensageiro e meu faz-tudo, porque sem ele nada se pode fazer.

Olorum estalou os dedos chamando Ifá e Exu. Em seguida, piscou para a menina.

Pela primeira vez depois de sua morte, a menina sorriu.